

ANNIE DARLING

UM BEIJO
DE INVERNO
na LIVRARIA
dos CORAÇÕES
SOLITÁRIOS

Tradução

Cecília Camargo Bartalotti

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2020



VERUS
EDITORA

Editora

Raissa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Maria Lúcia A. Maier

Revisão

Raquel de Sena Rodrigues Tersi

Diagramação da versão impressa

Beatriz Carvalho

Júlia Moreira

Título original*A Winter Kiss on Rochester Mews*

ISBN: 978-85-7686-834-7

Copyright © Annie Darling, 2018

Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2020

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

D235b

Darling, Annie

Um beijo de inverno na livraria dos corações solitários [recurso eletrônico] / Annie Darling; tradução Cecília Camargo Bartalotti. – 1. ed. – Campinas [SP]: Verus, 2020.

recurso digital (A livraria dos corações solitários)

Tradução de: A winter kiss on Rochester mews

Sequência de: Loucamente apaixonada na livraria dos corações solitários

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-7686-834-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Bartalotti, Cecília Camargo. II. Título. III. Série.

20-64937

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)

Camila Donis Hartmann – Bibliotecária CRB-7/6472

SUMÁRIO

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15



Trinta dias para o Natal

— Até logo! Volte sempre! — Com um largo sorriso, Matilda Smith se despediu do último cliente do dia no salão de chá da Felizes para Sempre e trancou a porta depressa. Seu celular, no bolso do avental, zumbia como uma abelha furiosa com novas mensagens ao longo dos últimos cinco minutos.

Mattie pegou o aparelho ainda vibrando, para lê-las; eram todas de uma mesma pessoa.

REUNIÃO DE EMERGÊNCIA!!!!

A urgência das letras em maiúsculas não a impressionou. Acordada desde as sete da manhã, com os pés prestes a entrar em greve, essa tal reunião de emergência poderia muito bem acontecer sem ela.

— Achei que o Anorak Bege não ia sair daqui nunca — Mattie comentou a respeito de seu cliente mais assíduo. — Estou pensando em falar para ele que só pode se apossar de uma mesa de quatro lugares por no máximo uma hora.

— Pelo menos dessa vez ele dividiu a mesa — ressaltou Cuthbert, enquanto, devagar e amorosamente, limpava Jezebel, a máquina de café. A barista anterior, Paloma, havia largado o emprego para viajar, e Mattie entrara em desespero imaginando que nunca encontraria alguém que soubesse lidar com a muito temperamental Jezebel, até que conheceu Cuthbert Lewis, um senhor de setenta e dois anos.

O celular de Mattie vibrou de novo. Outra mensagem de uma pessoa que precisava de fato parar de gritar em maiúsculas e ir direto ao ponto.

NÃO SE TRATA DE UMA SIMULAÇÃO. É UMA EMERGÊNCIA DE VERDADE!!!!

— Aposto que não é uma emergência de verdade — exclamou Mattie.

— Problemas? — perguntou Cuthbert.

— Só a dramaticidade habitual aí do lado.

Cuthbert inclinou a cabeça na direção das portas duplas de vidro, à esquerda do balcão.

— Eles são bem propensos a dramatizar, é verdade; enquanto nós dois temos um temperamento mais calmo.

Agora que o Anorak Bege havia finalmente ido embora, Mattie pôde começar a lavar o chão. Ela mergulhou o esfregão no

balde de água morna com sabão que havia enchido.

— Nós somos zona livre de drama. Ao contrário *deles*.

Mattie e Cuthbert eram seu próprio pequeno feudo dentro do território maior da Felizes para Sempre, a livraria que ficava além das portas duplas de vidro. O salão de chá tinha as próprias tradições, o próprio modo de fazer as coisas, o próprio conjunto de regras, mas eles coexistiam de maneira bastante pacífica com a livraria. Prestavam atenção para que nenhum cliente trouxesse livros que ainda não tinham pago ao salão de chá, onde havia o risco de derrubar comida ou bebida neles. Checavam todos os dias se Strumpet, o gato gorducho e guloso de Verity, a gerente da Felizes para Sempre, estava trancado em segurança no apartamento em cima da loja. Vários incidentes já haviam ocorrido com Strumpet fugindo da prisão e indo direto para o salão de chá e para o colo de qualquer pessoa que estivesse perto de um pedaço de bolo.

REUNIÃO DE EMERGÊNCIA NO MIDNIGHT BELL
AGORA!!!!!! POR QUE VOCÊ ESTÁ IGNORANDO
MINHAS MENSAGENS? EU JÁ NÃO FALEI QUE É
UMA EMERGÊNCIA?

— Não entendo por que ela não pode andar cinquenta metros e vir aqui falar comigo pessoalmente — murmurou Mattie, parando de passar o esfregão para ler mais uma apavorada mensagem.

— Uma moça no estado dela não pode ficar andando para lá e para cá — observou Cuthbert, dando um último polimento

afetuoso em Jezebel.

Cuthbert estava certo. Cuthbert estava certo sobre tudo quase todas as vezes.

Mattie enfiou o esfregão em um cantinho difícil de alcançar.

— Sim, mas... mas... parece que ela pode andar até o Midnight Bell para essa tal reunião de emergência — disse ela. — Quer que eu justifique a sua ausência?

— Por favor. Minha Cynthia está me esperando para jantar — disse ele, referindo-se ao amor de sua vida: a esposa. — Agora aproveite o sono da beleza, minha querida — ordenou Cuthbert para seu segundo amor, colocando uma capa especial sobre Jezebel. — Amanhã será outro dia cheio, então você precisa descansar.

Era muito tentador perguntar a Cuthbert se ele e Jezebel gostariam de alguma privacidade. Mattie sacudiu a cabeça e deu um tapinha no ombro de Cuthbert enquanto se espremia para passar por ele (era bem apertado atrás do balcão) para esvaziar o balde e terminar a limpeza.

— Então te vejo amanhã, Cuthbert.

— Com certeza — ele respondeu, enfiando o casaco e pondo na cabeça um estiloso chapéu de feltro para a caminhada de cinco minutos até seu apartamento no belo prédio de moradia social em estilo art déco dos anos 20 ali pertinho.

O celular de Mattie vibrou outra vez.

NÃO ME IGNORE, MATTIE! POR QUE VOCÊ ESTÁ ME IGNORANDO?

Provavelmente seria uma boa ideia responder a uma dessas tais mensagens urgentes, decidiu.

Eu não estou te ignorando. Estou arrumando o salão para amanhã e te encontro no Midnight Bell assim que terminar. Espero que tenha uma grande taça de vinho branco e uma porção de fritas com queijo me esperando. Bjs, Mattie

Não precisava dar nem um passo muito grande para entrar na cozinha minúscula escondida dos olhos do público por uma cortina adornada com pequenos bules de chá. A cozinha era tão pequena que, se Mattie esticasse os braços, podia tocar as paredes.

Mas ela não esticou os braços; em vez disso, lavou as mãos e começou a preparar a massa folhada para as comidinhas do dia seguinte: croissants, *pains au chocolat*, *pains aux raisins* e várias outras delícias amanteigadas que derretiam na boca. A massa precisava descansar durante a noite, e era por isso que ela ainda não estava virando taças de chenin blanc no pub.

Após tirar o avental e pegar a bolsa no único armário que cabia na cozinha, Mattie apanhou o estojo de pó compacto para confirmar o que já sabia: seu rosto — do mais claro e delicado tom de caramelo com um salpicado de sardas sobre o nariz — precisava de uma generosa camada de pó matte para amenizar os efeitos de trabalhar com um forno quente o dia inteiro. Depois de aplicar uma camada de batom rosa-escuro, retocar o rímel e verificar rapidamente se os dois riscos de delineador líquido da manhã continuavam em ordem, tudo que lhe restava era garantir

que não houvesse nenhuma mancha de farinha ou gordura em seu conjunto de calça e suéter pretos, e Mattie estava pronta para sair.

Ajudava bastante o fato de ela ter um look e se manter fiel a ele. Mattie havia visto o filme *Cinderela em Paris* em uma idade muito impressionável e, embora já fosse uma mulher bem crescida de vinte e oito anos, ainda desejava ser Audrey Hepburn, a balconista de livraria que partiu para Paris com Fred Astaire e trabalhava como modelo para uma revista de moda quando não estava dançando free jazz em bares decadentes.

Mattie não só trabalhava *ao lado* de uma livraria, como também havia estado em Paris. Na verdade, morara em Paris por três anos inteiros e dançara free jazz em bares decadentes em várias ocasiões. Mas isso ficara no passado e Paris agora estava morta para ela; no entanto, ainda se vestia como Audrey Hepburn em *Cinderela em Paris*: cabelos longos castanho-escuros presos em um rabo de cavalo com uma franja reta e espessa que combinava com perfeição com suas sobrancelhas permanentemente arqueadas, sobre olhos do mesmo tom de um casaco de marta pertencente à sua avó.

E, como Audrey, Mattie sempre usava preto. Antes de Paris e especialmente depois de Paris ela usava preto. No verão, uma camisa de algodão preta com as mangas enroladas até os cotovelos e calça cigarette cropped, preta e justa, e o mesmo par de sandálias Birkenstock que costumava usar no verão havia anos. Nos dias de inverno, como o de hoje, trocava a camisa por um suéter, a calça cropped por uma versão mais longa, e a Birks por um tênis preto de cano alto.

Usar a mesma roupa todos os dias (Mattie tinha muitas camisas, suéteres e calças pretas, tanto longas como cropped — não que ela usasse as mesmas duas peças todos os dias até que elas pulassem sozinhas no cesto de roupas para lavar) era prático e rápido. Nada de ficar indecisa na frente de um guarda-roupa cheio de diferentes cores e estilos. O que era ótimo, porque Mattie saía para o calçamento de pedras da Rochester Mews e trancava a porta à noite e a destrancava outra vez às sete e meia na manhã seguinte. Essa era a sina de alguém que tinha uma infinidade de pães e bolos para assar antes que o salão de chá abrisse às nove horas.

Agora seu celular zumbia insistentemente.

CADÊ VOCÊ? QUANTO TEMPO DEMORA PARA FAZER UMA MASSA FOLHADA?

Mas isso era amanhã. E Mattie não ia pensar no dia seguinte, especialmente na parte de ter que se levantar às seis horas, quando ainda estava escuro. Ia pensar na grande taça de vinho que a esperava.

E ela não se decepcionou. Assim que abriu a pesada porta do pub próximo da Felizes para Sempre, trocando o cheiro de peixe e fritas do restaurante em frente pela atmosfera abafada de cerveja, alguém lhe acenou freneticamente.

— Mattie! Aqui! — gritou Posy, a proprietária da Felizes para Sempre e autora das várias mensagens de texto desnecessariamente dramáticas, como se não estivessem ocupando a mesa de canto

habitual e Mattie pudesse não saber onde estavam. — Seu vinho está perfeitamente frio.

Mattie se largou com alívio sobre um banco vazio e pegou a taça de chenin blanc.

— Obrigada — disse, de coração. — E saúde!

Enquanto todos faziam tim-tim com os copos, Mattie procurou sinais de pânico nos olhos de suas colegas. Posy, que estava já bastante pesada pela gravidez, bebia refresco de flor de sabugueiro e água com gás, com o copo apoiado no alto da barriga, e parecia serena. Verity, a gerente da livraria, tinha um gim-tônica e uma expressão ligeiramente agoniada — apesar de ela sempre parecer ligeiramente agoniada. E também havia Tom, e Mattie não estava de fato muito preocupada com o estado mental de Tom, porque Tom fazia parte da lista.

E a lista de Mattie, como Tom bem sabia, não era uma boa lista para estar, então ela o ignorou.

— Como vocês estão? — ela perguntou a Posy e Verity. — Como foi o mundo da venda de livros hoje?

— Muito, muito movimentado — respondeu Posy com uma calma satisfação. Ela passou a mão na barriga e, muito gentil e delicadamente, arrotou. — Que alívio. Eu já falei para vocês que minha digestão é terrível?

Sim, ela já havia falado. Várias vezes por dia, desde que passou pelo marco dos três meses e pôde contar a todos que estava grávida. Agora com sete meses não podia nem olhar para um tomate, quanto mais comer um.

— Eu li em algum lugar que, quando a gente tem má digestão na gravidez, é porque vai nascer um bebê com bastante cabelo —

disse Verity, o que não animou muito Posy.

— O Sebastian tem muito cabelo, então, obviamente, é culpa dele — respondeu ela, em tom de lamento. — Eu queria ter me apaixonado por um homem careca.

Por mais fascinante que fosse tudo aquilo, realmente não explicava por que Mattie havia sido chamada com tanta urgência.

— E todas aquelas mensagens sobre uma emergência? — indagou Mattie. — Por acaso a Rochester Mews foi marcada para demolição ou algo assim?

— O quê? Não! É muito mais sério que isso. — Posy suspirou e virou para Mattie com uma expressão subitamente ansiosa. — Você tem ideia de que dia é hoje?

Seria algum tipo de pegadinha ou era coisa de grávida? Mattie deu uma olhada para Verity, que sacudiu a cabeça dando a entender que ela própria já havia recebido a mesma pergunta de Posy. E, então, Mattie trocou um olhar com Tom. Não pôde evitar de sentir um arrepio e o lábio superior de Tom se curvou, o que significava que ele estava prestes a fazer alguma observação irritante, mas, antes que a fizesse, Posy bateu as mãos.

— É vinte e cinco de novembro — ela gritou. — Vinte e cinco! Você sabe o que isso significa, Mattie?

— É uma daquelas datas nacionais nada a ver que foram inventadas por publicitários ou relações-públicas de empresas? Dia Nacional da Torta? Não, eu saberia se fosse. Dia Nacional de Abraçar um Cãozinho?

— Acho que deve ser o Dia Nacional de Agradar Mulheres Grávidas — murmurou Tom, com o sorrisinho tolo que alguém deveria alertá-lo de que era muito pouco atraente.

— Não! Está mais para o Dia Nacional de Irritar Mulheres Grávidas — revidou Posy, dando uma cotovelada na costela de Tom, que arrancou o sorrisinho do rosto bem depressa. — Falta um mês para o Natal! Pior! São só trinta dias em novembro, então, na verdade, são trinta dias até o Natal. Trinta dias!

A declaração de pânico foi recebida com olhares atônitos.

— Como isso pode ser uma novidade para você? — arriscou Tom, ajustando os óculos de aro escuro para olhar com seriedade para o rosto corado de Posy. — Não se pode ligar a TV sem cair em algum comercial natalino meloso e sentimental com animaizinhos da floresta. Os supermercados estão atulhados de tortinhas de frutas secas e outras coisas de Natal desde agosto.

Tom tinha um bom argumento.

— Certamente você notou que as ruas de Londres estão enfeitadas com luzes e decorações de Natal, não? — perguntou Mattie.

Posy pôs uma das mãos de cada lado da barriga.

— Me desculpem por ser um pouco preocupada — disse ela, ofendida.

— Eu falei sobre as promoções de Natal e os horários de abertura estendidos *várias* vezes — disse Verity, em um tom mais conciliador. — Tivemos uma conversa sobre comprar luzes de Natal novas para as árvores na praça.

— Não. Eu não me lembro de nada disso — insistiu Posy, com a voz começando a tremer, o que significava que logo ia chorar. Quando não estava tentando arrotar, Posy estava tentando não chorar. A gravidez realmente não vinha sendo fácil para ela. — E agora eu recebi um e-mail da Associação de Comerciantes da

Rochester Street pedindo para eu pagar minha parte nas decorações conjuntas de Natal, e todas as outras lojas já estão com horários estendidos...

— É, e eu realmente falei sobre isso — murmurou Verity, recebendo um rápido olhar solidário de Mattie. — E não foi só uma vez.

— Devia ter falado com mais ênfase — disse Posy, remexendo-se no banco para encontrar uma posição mais confortável. — Tem tanta coisa para fazer... Não começamos a pôr os festões e nem fizemos um display com os livros que poderiam ser presentes maravilhosos para o Natal. — Ela torceu as mãos. — Mattie! Por que você ainda não começou a vender as tortinhas de frutas secas? Você costuma ser muito mais organizada do que isso.

Mattie se orgulhava de suas habilidades de organização, mas se recusou a morder a isca. Não ia entrar no clima de drama.

— Eu já tenho meus planos para o cardápio de Natal, que vão entrar em vigor dia primeiro de dezembro e nenhum dia antes. Nem todos querem o Natal enfiado pela garganta assim que acaba o horário de verão.

— A Pret a Manger já está vendendo seus sanduíches de Natal há semanas, a M&S também — disse Tom, e ele devia saber, porque *nunca* comprava o almoço no salão de chá. Se tivesse experimentado, veria como era delicioso e nutritivo e não precisaria devorar as fritas com queijo como estava fazendo naquele momento.

Mattie apertou os lábios. Ela não ia se alterar. Não. Ainda que Tom sempre lhe desse vontade de rosnar para ele como um gato

bravo.

— Bom, as livrarias Waterstones já estão com as promoções de Natal *deles* há *semanas* — ela revidou.

Tom levantou a taça de vinho, como para dizer “Touché”, mas o comentário teve um efeito prejudicial em Posy, que gemeu parecendo sentir dor e agarrou a barriga como se um alienígena estivesse prestes a explodir de dentro dela.

— Precisamos fazer um brainstorm de Natal. AGORA — ela anunciou, com uma voz estridente.

— Eu achei que este *fosse* um brainstorm de Natal — falou Mattie, porque Posy amava um brainstorm quase tanto quanto amava Sebastian, livros românticos e sacolinhas estampadas com citações de livros.

— Este é mais um brainstorm pré-brainstorm de Natal — explicou Tom, solícito, recusando-se a soltar a tigela de fritas com queijo e a movendo para fora do alcance de Mattie quando ela tentou pegar uma. — Ei, peça uma para você.

— Primeiro de dezembro é mais que suficiente para executarmos nossos planos de Natal — Verity disse com firmeza, arrancando a tigela das mãos de Tom e movendo-a de volta na direção de Mattie. — E eu detesto dar uma de filha do vigário, mas, na verdade, nem se deveria pôr decorações de Natal antes da véspera do Natal. E também não deveríamos fazer um brainstorm de Natal sem a Nina. A Nina *adora* o Natal.

— Ah, estou com tanta saudade da Nina! — exclamou Posy, a primeira lágrima começando a lenta descida pela face direita.

— Todos estamos com saudades da Nina — Mattie disse mansamente, porque, quando Posy estava tendo um momento

sentimental, era melhor não fazer nenhum barulho alto. — Mas ela vai voltar logo, não vai? Ela só ia ficar fora seis meses e foi embora em maio, e já é quase fim de novembro...

Nina era uma parte muito amada da família Felizes para Sempre, mas no momento estava fazendo uma road trip pelos Estados Unidos com seu namorado, Noah, enquanto trabalhava com o marketing da loja a distância. Ela era o equilíbrio perfeito para a quieta Verity, a frenética Posy e o sério, sarcástico e presunçoso Tom.

— Bom, espero que ela volte antes de eu dar à luz — lamentou Posy. — Eu gostaria de sair de licença-maternidade antes de começarem as contrações. Ai! Contrações! Sinceramente, essa brincadeira de gravidez é uma tragédia atrás da outra. Eu já falei como meus tornozelos incharam? Enfim, o que vamos fazer quanto ao Natal? Temos tanta coisa para decidir e quase nenhum tempo! Estamos ferrados. Completamente ferrados.

— Imagina. Os doces de Natal estão sob controle e prontos para começar — disse Mattie, com um pouco de desespero. Ela não era uma grande fã do Natal e todo aquele estardalhaço pela aproximação da data estava lhe dando um peso no estômago. — E, afinal, quanto tempo pode levar para pendurar uns festões na loja?

— Vamos ter que fazer um pouco mais do que pendurar festões — disse Posy, as lágrimas agora em um fluxo contínuo. Tom se moveu no banco para pôr um pouco de distância entre ele e a mulher aos soluços, com uma expressão de puro medo no rosto normalmente tão cheio de arrogância.

— Socorro! — ele sussurrou para Mattie e Verity.

Mattie encolheu os ombros e Verity suspirou e se inclinou para a frente.

— Eu ia esperar... Mas, bom, nenhum momento é melhor que o atual e não vejo motivo para adiar a notícia, já que agora vamos começar a abrir até mais tarde todas as noites, e não é nenhuma grande coisa, é só uma coisa bem média na verdade. — A enrolação de Verity havia feito as lágrimas de Posy pararem e ela agora estava com uma cara apavorada. Até Tom pareceu perceber que aquilo justificava largar a tigela de fritas com queijo.

— Ah, não, você vai sair da livraria? — ele perguntou, que era exatamente do que Posy também havia desconfiado, a julgar pela expressão desolada de seu rosto.

— Não! Que bobagem. Por que eu ia sair da livraria? — respondeu Verity, perplexa. — De onde você tirou essa ideia maluca? Embora... imagino que, de certa maneira, eu esteja saindo da livraria.

— Por favor, Very, minha pressão não aguenta tantos sustos — gemeu Posy.

— Pelo amor de Deus, Very, fale de uma vez ou me mate logo — disse Tom e, pelo menos agora, Mattie concordou com ele.

Verity levantou os olhos para o céu.

— Eu estou saindo... — Ela fez uma pausa e houve uma puxada de ar coletiva que fez Mattie desconfiar de que Verity estava gostando daquilo um pouco mais do que devia — ... do meu quarto no apartamento em cima da livraria. Mas eu me sinto muito valorizada por ver como vocês ficaram tão aterrorizados com a ideia de eu ir embora da Felizes para Sempre. É bom saber que sou querida.

— Por um terrível instante eu achei que ia ter que fazer todos aqueles cálculos de impostos sozinha e a minha vida inteira passou diante dos meus olhos — disse Mattie, e Posy se inclinou sobre a mesa, com alguma dificuldade, para bater sua taça na dela em solidariedade.

— Eu também — disse ela, virando o rosto sentido para Verity. — Quando você vai se mudar? No começo do ano?

— Bom, um pouco antes. Se começarmos a abrir em horário estendido, o que significa abrir aos domingos, então acho que terá que ser... há, depois de amanhã, se estiver tudo bem — disse Verity, quase pedindo desculpas. — Eu poderia deixar para o próximo ano, mas o Johnny instalou uma daquelas torneiras de onde sai água fervendo para eu poder fazer chá na hora, e ele pôs uma poltrona nova no meu cantinho de leitura favorito perto da janela, é muito confortável, e como eu passo todo o meu tempo na casa dele mesmo... Ah! Sim, eu vou me mudar para a casa do Johnny — ela acrescentou, como se houvesse alguma dúvida disso.

Johnny era o amor de Verity. Um rico arquiteto que, muito como Darcy no livro favorito dela, *Orgulho e preconceito*, com sua “excelente propriedade em Pemberley”, tinha uma casa de cinco quartos em Canonbury e ninguém com quem dividi-la. Até aquele momento.

— Ah! Very! Por que você não contou nada antes? — exclamou Posy, agarrando a mão da amiga. — Quero ver o anel! Ah... não tem anel.

— Porque nós não estamos noivos. Só vamos morar juntos.

— Vivendo em pecado — entoou Tom, com as mãos em posição de oração, agora que havia comido até a última batata com queijo sem pensar em mais ninguém. — Logo você, a filha de um vigário.

— Tom, essa fala é da Nina. Não funciona para você — disse Verity. — Além disso, bem-vindos ao século XXI!

Mattie estava realmente muito feliz por Verity. Ainda que morar com um homem fosse a sua ideia de inferno. Tentou sorrir com alegria e sinceridade enquanto pensava em qual seria o tempo aceitável que precisaria deixar passar antes de perguntar, pedir, até implorar a Posy se poderia...

— Bom, se a Very vai se mudar, então eu vou ficar com o quarto dela — disse Tom calmamente, como se morar no apartamento sobre a livraria sem ter que pagar aluguel fosse um caso decidido. — É justo, não é?

— Espera aí, não, não é justo! — exclamou Mattie. — Eu ia pedir se poderia ficar com o quarto.

— Devia ter sido mais rápida — retrucou Tom, com aquele seu jeito condescendente que a fazia ter vontade de bater na cabeça dele com a coisa mais pesada que estivesse à mão. No caso, um extintor de incêndio. — De qualquer modo, o apartamento é para funcionários da livraria.

— O salão de chá é muito parte da livraria — disse Mattie friamente, apesar de sempre insistir que, mesmo estando muito grata pelo movimento gerado pelo público comprador de livros românticos, ela estava administrando um negócio autônomo. — Mas muito obrigada por fazer eu me sentir parte da família Felizes para Sempre.

— Caso você tenha esquecido, eu trabalho na Felizes para Sempre desde muito antes de você ficar com o salão de chá — Tom a lembrou, com altivez.

— Você trabalhou meio período durante anos — disse Mattie calmamente, embora, por dentro, estivesse fervendo. — Aposto que, se somar todo o tempo que eu já passei no salão de chá, daria mais horas do que você na livraria. Chego lá às sete e meia todas as manhãs e não saio muito antes das oito na maioria das noites, e agora você quer me privar das duas horas de sono que eu poderia ter a mais.

— Sua reação é totalmente exagerada — disse Tom, azedo, embora ele trabalhasse com mulheres há quatro anos e soubesse muito bem que dizer a uma mulher que ela estava reagindo com exagero quando ela, na verdade, estava reagindo *na medida exata* era praticamente um crime de ódio. — Posy, a decisão é sua.

Posy arrotou.

— Minha azia voltou. Vocês dois me deram azia e eu estou pensando em não deixar nenhum dos dois ficar no apartamento. — Arrotou de novo. — Eu não posso ficar me estressando, então decidam entre vocês quem vai ficar com o apartamento. Amanhã — ela acrescentou. — Agora, um de vocês me traga outro refresco de flor de sabugueiro e água com gás, porque eu estou precisando arrotar como nenhuma outra mulher já precisou arrotar antes.

— Você está arrotando há uma hora — arriscou Verity, porque ela era uma mulher muito mais corajosa que Mattie.

Posy suspirou. E arrotou de novo.

— acredite em mim, isso é só um aquecimento — disse ela, com tristeza. — Tem um dos bons em algum lugar aqui dentro só

esperando para sair.



Vinte e nove dias para o Natal

Na manhã seguinte, depois do movimento usual de clientes desesperados por um dos especiais de café da manhã de Mattie e o blend de café exclusivo que ela mandara trazer de Paris, ela, Posy e Tom inspecionaram o apartamento do andar superior.

Mattie não queria criar muitas esperanças, embora já tivesse pronto um discurso veemente sobre as razões pelas quais ela deveria se mudar para o quarto que Verity ia desocupar. Seu coração estava acelerado enquanto percorria as várias antessalas da livraria, passava pela sala principal, atravessava uma porta e subia um lance de escadas. Se morasse ali, estaria em casa agora, em vez de precisar demorar uma hora no trajeto para ir e voltar de Hackney, ou mais, se o trânsito estivesse terrível.

— Faz séculos que estou para lhe dizer isso, Pose, mas a gravidez lhe fez muito bem — disse Tom, com ar muito sincero, enquanto Posy destrancava a porta.

Era mesmo muita baixaria da parte dele; suas tentativas de ganhar a preferência de Posy eram risivelmente transparentes e de jeito nenhum Posy cairia nelas.

— Isso foi muito gentil — disse Posy, com um sorriso lacrimoso, e o coração já acelerado de Mattie acelerou um pouco mais. — Bela tentativa, Tom, mas eu sou uma observadora neutra nesta questão e, além disso, vou anotar você no livro de assédio sexual.

— Você sabe tão bem quanto eu que o livro de assédio sexual nem existe — murmurou Tom, ficando de lado para deixar Mattie entrar no apartamento primeiro, porque ele de fato tinha um mínimo de boas maneiras, isso ela precisava admitir. — E, se ele de fato existisse, acho que vocês perceberiam que a única pessoa assediada sexualmente neste local de trabalho sou eu. Por mulheres na pós-menopausa que, com suas mãos bobas, chegam a assustar. E, em vez de receber apoio das minhas colegas, eu sofro ainda mais abusos.

Mattie não entendia o que as mulheres na pós-menopausa viam em Tom. Objetivamente, se ela estivesse sob juramento, seria obrigada a admitir que ele tinha uma boa aparência. Ele era alto e ficava ainda mais alto com o cabelo loiro que usava com um topete na frente e curto atrás e dos lados. Mattie nunca olhara o suficiente para os olhos dele para saber de que cor eram, porque estavam escondidos atrás de óculos com aros escuros antiquados que pareciam ter sido distribuídos de graça pelo Serviço de Saúde na década de 50 e que, de alguma forma, combinavam bem com ele. Também tinha um corpo decente, embora Mattie nunca